

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

AS SALESIANAS APORTAM EM TERRAS BRASILEIRAS (1892-1934): RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS OU REVISÃO DO CARISMA?

Julia Rany Campos Uzun

Doutora em História Cultural

Universidade Estadual de Campinas

E-mail: professorajuliahistoria@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir a transformação das práticas salesianas femininas em solo brasileiro, desde o processo de instalação do primeiro grupo das Filhas de Maria Auxiliadora no país, no município de Guaratinguetá, no ano de 1892, até o processo de reaproximação oficial entre a Igreja Católica e o Estado, verificado a partir da Constituição de 1934. O texto quer verificar como as salesianas adaptaram e ressignificaram o carisma salesiano, centralizado no cuidado com as crianças e jovens de baixa renda, a partir da instalação dos primeiros internatos da congregação em todo o mundo em solo brasileiro, buscando atender às demandas das camadas médias e altas, nos ambientes rurais e urbanos, com o advento da República. Sob o olhar da História Cultural, procuramos identificar como as salesianas criaram estratégias para a expansão e sobrevivência da congregação em um território com suas próprias demandas e como desenvolveram um tipo de salesianidade brasileira nesse contexto.

Palavras-chave: Educação feminina; Filhas de Maria Auxiliadora; Educação católica.

Introdução

Em 1855, havia se formado em Mornese a Pia União das Filhas de Maria Imaculada, através da iniciativa de Angela Maccagno, sob a orientação religiosa do padre Domingos Pestarino e do padre José Frassinetti. O grupo era uma associação de jovens meninas que buscava viver dentro dos preceitos do Evangelho e realizar ações de caridade dentro do apostolado. Maria Domingas Mazzarello compunha a associação, tendo sido orientada desde a infância pelo padre Pestarino. Entre 1871 e 1872, a instituição foi unificada por Dom Bosco à Pia Sociedade de São Francisco de Sales, transformando-se no braço feminino dos salesianos e passando a adotar seu carisma e seu tripé de convicções formadores da juventude, conhecido como Sistema Preventivo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O primeiro princípio do Sistema Preventivo era a **razão**, responsável pelo desenvolvimento da capacidade de superação do jovem e da crença em seu próprio potencial. De acordo com Dom Bosco, *até naquele mais rebelde existe uma corda acessível ao bem*. O princípio cristão da razão determinava que todo ser humano era igualmente importante, sendo necessário restituir a ele sua dignidade e as condições mínimas para seu desenvolvimento. A razão era responsável por conferir valor à vivência social, ao universo do trabalho, à natureza humana, à cultura, à consciência e aos valores individuais, sem que fossem realizadas imposições ou obrigatoriedades. Nesse sentido, a razão deveria esclarecer ao jovem o motivo pelo qual ele deveria seguir as normas estabelecidas, desenvolvendo nele o senso crítico (SANTOS, 2006, p.58).

Na casa de Dom Bosco, todos os jovens rezavam, estudavam, participavam dos encontros e das oficinas de forma livre e consciente, sem que estas práticas fossem impostas pelo religioso ou pela força da coletividade. No âmbito educativo, a razão se colocava como um valor que se apoiava pelo exemplo. A partir do momento em que Dom Bosco e Madre Mazzarello afirmavam que o Sistema Preventivo se baseava na razão, propunham a razoabilidade das atitudes, a naturalidade e o equilíbrio das ações, de tal forma que as regras deveriam ser compreendidas pelos jovens para serem obedecidas. Por isso, deveriam ser coerentes, claras e simples, determinadas pelo mútuo compromisso entre os membros da congregação. Este princípio se reduzia à ideia de que *Deus nos colocou no mundo para os outros*, reforçando a ideia da importância da educação para a tomada de decisões responsáveis e conscientes (BRAIDO, 2004, p.32).

O segundo pilar do Sistema Preventivo era a **religião**. A pedagogia de Dom Bosco e de Madre Mazzarello era, antes de tudo, transcendente, pois todas as práticas das casas salesianas estavam formadas por uma fé específica. Os jovens deveriam compreender que a presença de Deus não se restringia aos momentos de celebração e à missa, mas a todo o espaço vital, desenvolvendo o sentido de gratidão, pois tudo o que eles tivessem proviria da generosidade e do amor divino – o que fazia ainda mais sentido quando referido aos jovens abandonados, saídos das prisões ou vindos de camadas populares. A consciência da presença divina sobre todas as instâncias da vida trazia a reflexão sobre a necessidade de fazer o bem para o próximo, para não contrariar ao Deus que apenas proporcionava benefícios para a existência. Dom Bosco e Madre Mazzarello defendiam que apenas a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

religião seria capaz de realizar uma obra educativa verdadeira, transformando os jovens em colaboradores de Deus no combate a tudo que se opusesse à fraternidade. Enquanto a razão educava para a liberdade, a religião educava em direção à fraternidade (SANTOS, 2006, p.59).

O tripé do sistema preventivo se completava com a **amorevolezza**¹, o elemento que delimitou a marca da salesianidade. A amorevolezza constituiu-se no amor expressado, no carinho e no afeto que determinavam a convivência saudável, criando um ambiente de alegria pela vida e de comunicação amigável entre os jovens e seus educadores. A proposta da amorevolezza salesiana determinava a lógica da reciprocidade e da confiança, pois o jovem que se sentisse amado se abriria para partilhar seus sentimentos e para amar de volta (BRAIDO, 1999, p.19). Nesse sentido, o grande desafio imposto para os educadores salesianos era o desenvolvimento de relações solidárias e a disponibilidade plena para os jovens, buscando neles suas possibilidades com olhos afetuosos e compromissados. A razão e a religião garantiam que esse afeto fosse regulado e não fosse parcial, mantendo o equilíbrio nas relações do ambiente escolar (SANTOS, 2006, p.60).

As salesianas no Brasil

O primeiro colégio das Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil foi fundado em 16 de março de 1892, na cidade de Guaratinguetá. A construção do colégio foi uma iniciativa do padre João Filippo, um religioso italiano que imigrou para o Brasil em 1873, instalando-se já de início em Guaratinguetá, permanecendo como vigário da cidade até 1928, quando faleceu. O religioso ficou conhecido por realizar diversas obras na cidade em conjunto com as salesianas, como a Santa Casa de Misericórdia, o Asilo de Santa Isabel, o Colégio do Carmo e o Colégio de São José (este último, no município vizinho de Lorena, ligado aos salesianos), além do Orfanato Casa do Puríssimo Coração de Jesus. De acordo com seus dados biográfico, o Colégio do Carmo teria sido idealizado para compor um colégio para as crianças pobres da região, cumprindo a proposta de Dom

¹ Amorevolezza é um conceito italiano utilizado no contexto de Dom Bosco para determinar as demonstrações de afetuosidade, atenção, benevolência, afabilidade e doçura, considerados os sentimentos mais profundos que alguém poderia demonstrar. No sentido religioso, ela simboliza a manifestação da caridade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bosco de atendimento aos meninos e meninas abandonados. Como padre Filippo havia se tornado influente na região, passou a buscar a caridade das camadas médias e altas para a construção do edifício e para a doação do terreno (SILVA, 2001, p.32).

O colégio começou a ser construído em 1887, sendo finalizado quatro anos depois. Nesse intervalo, padre Filippo deu início à sua parceria com as salesianas, entregando a condução educativa e a administração do colégio à congregação. A escolha se deu porque o padre já conhecia a instituição desde 1883, quando os salesianos se instalaram no Rio de Janeiro e, através de sua rede de contatos, soube que a obra salesiana buscava a ampliação de sua obra para o Vale do Paraíba – o que havia se concretizado em 1890, com o colégio São Joaquim de Lorena. A indicação do contato direto do padre com o centro da expansão da obra salesiana ficava evidente com a presença de João Filippo nas temáticas das cartas de D. Luís Lasagna, responsável pelas missões da congregação na América, ao diretor do colégio São Joaquim, padre Carlos Peretto. Em setembro de 1890, o inspetor geral das missões salesianas manda saudações para *todos os caros padres, ao conde, à condessa, ao barão e muitas ao padre João* (LASAGNA, 1890). Já em novembro de 1891, D. Lasagna afirma em suas cartas: *Ando cada vez mais atribulado com as dívidas. Sendo assim se pudesses obter com o padre João Filippo e com o padre Francisco Reale algum auxílio para as viagens, me farias imensa caridade* (LASAGNA, 1891).

Ao término da construção, padre Filippo elaborou o *Programa do Collegio de Nossa Senhora do Carmo, para meninas, dirigido pelas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora – Guaratinguetá – Estado de São Paulo*, expondo um breve resumo sobre os princípios da nova instituição. O pequeno documento esclarecia à elite da região que havia investido na construção do colégio que, a partir de então, as Filhas de Maria Auxiliadora assumiriam seu primeiro colégio no Brasil, colaborando com o colégio salesiano vizinho de Lorena, e que o colégio não mais atenderia aos dois gêneros, mas exclusivamente às meninas. O documento trazia alguns questionamentos em relação à proposta inicial do padre Filippo. Ainda que em sua página de rosto não se definia a quais meninas o colégio se destina, já na indicação dos objetivos colocava-se a linha de atuação da nova instituição:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O Collegio tem acomodações para mais de 400 alumnas internas, o sea, futuro será o mais risonho possível, prestará os mais assignados serviços a causa da Religião e da Pátria, que é uma e a mesma coisa, a educação e instrução das meninas de todas as classes sociaes, e principalmente das pobres, orphãs e desvalidas entregues aos cuidados e ao zelo incomensurável das ilustradas e virtuosas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Congregação instituída pelo santo sacerdote D. João Bosco (FILIPPO, 1891).

Aparentemente, a proposta do novo colégio seguia a mesma linha daquela indicada por D. Bosco, buscando o atendimento prioritário das meninas mais pobres, das órfãs e daquelas que pertenciam a famílias com poucas condições, constituindo-se mais como um orfanato do que como um internato convencional, como aquele das Irmãs de São José de Chambéry. No entanto, ao seguir-se a leitura do programa, percebe-se que

O número dos lugares gratuitos será proporcionado nos meios que a pública caridade e Divina Providência nos offerecerem. O collegio admitirá pensionistas, meio-pensionistas e externas nas seguintes condições: as pensionistas pagarão por trimestre 90\$000, as meio-pensionistas pagarão por trimestre 60\$000, as externas que puderem contribuir pagarão por trimestre 15\$000, as pobres serão admitidas gratuitamente (FILIPPO, 1891, p.3).

Dessa forma, era possível constatar que a gratuidade não era uma proposta universal à criação do colégio, que então não se manteria como um orfanato ou uma casa de cuidados para as crianças menos favorecidas, como o padre Filippo inicialmente havia proposto e como o programa do colégio daria a entender, por seu objetivo. A presença de alunas pobres estaria diretamente vinculada à caridade pública e à Providência Divina, fazendo com que a condição para a presença das meninas no novo colégio fosse o pagamento adiantado de altas mensalidades – de tal modo que uma nota de rodapé do programa indicava que devido as circunstâncias regionais *não é possível fazer-se mais barato, o que fazer-se-há em circunstancias melhores* (IDEM, p.6). Além das trimestralidades, as famílias das alunas também deveriam providenciar um amplo enxoval, que contava com roupas de cama, meias, véus, guardanapos, lenços, sapatos de salto baixo, copos, sacos de roupa suja, objetos de uso pessoal, roupas específicas para o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uniforme e alguns metros de tecido. Por fim, havia despesas extras com material didático, assistência médica e aulas extras de música e artes. Como grande parte das alunas vinham de outras cidades, aquelas que desejassem que suas roupas fossem lavadas no próprio colégio deveriam pagar uma taxa extra de 6\$000 (IDEM, p.7-8). Cabe ressaltar que, neste período, a trimestralidade do colégio masculino do professor Manoel da Cunha Mattos, um dos mais famosos da cidade, era de 75\$000 e o salário médio de um professor de primeiras letras girava em torno de 30\$000 a 50\$000 (A ESTRELA PAULISTA, 1884).

O colégio do Carmo inaugurava uma nova modalidade do trabalho das irmãs salesianas na América: o atendimento para as elites e camadas médias. A ação das freiras no Uruguai e na Argentina havia destinado todos os seus esforços exclusivamente para o atendimento de meninas pobres nas três casas em Villa Colón, Buenos Aires e Las Piedras, todas caracterizadas na *Cronistória* pelas salas de costura, pelo oratório festivo, pelo catecismo e por uma escola simples. Assim, as primeiras experiências haviam espelhado as práticas de Madre Mazzarello quanto ao princípio preventivo, realizando suas atividades com meninas de famílias carentes, sem a criação de internatos (CRONISTÓRIA, 1981, p.274).

A partir da criação do colégio do Carmo, a obra salesiana feminina deu início a um novo movimento no Brasil, até então inédito em sua formação internacional: a criação de internatos. Se, em sua origem, a obra de salesiana tinha como principal objetivo reunir os jovens pobres para protegê-los dos males do mundo moderno através de sua cristianização e de sua educação, oferecidas através da pedagogia do Sistema Preventivo de Dom Bosco, ao chegar ao Brasil esta obra feminina se reinventou. Em solo nacional, o braço feminino dos salesianos transformou-se em um instrumento de formação de boas mulheres-mães, sustentando-se para a educação e instrução de meninas de camadas mais altas, inserindo-se no projeto formador de mulheres para a manutenção dos valores da família, da moral e, por consequência, da pátria.

Nesse sentido, o internato havia se tornado uma estratégia da Igreja Católica para enfrentar a ofensiva liberal do Estado republicano, que propagava o ensino leigo e científico, inclusive para meninas. Esse modelo de escola passou a ser considerado como a forma de preparação adequada para o sexo feminino, formando as meninas para a vida

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

familiar, mantendo-as afastadas da vida comum por longos períodos de tempo e defendidas dos perigos que a sociedade impunha a elas. A reclusão passou a ser vista como uma forma de fortalecimento do caráter e dos valores morais cristãos, permitindo que as meninas pudessem enfrentar o mundo exterior com mais instrumentos quando terminassem sua formação. Assim, os internatos se destacaram pela rígida disciplina, pela completa vigilância dos costumes e das práticas e pela tentativa de moldar as meninas sob o modelo mariano – o símbolo da maternidade, da mulher de costumes recatados e da fervorosidade.

O recato, a devoção e a família, constituída segundo casamento católico, e a missão de realizar a difusão da fé católica eram as tarefas próprias da mulher, que se queria voltada unicamente para seu lar, seu marido e seus filhos. Assim, a educação da mulher devia visar à preparação para o desempenho das atividades que dela se esperava no lar (MARTINS & MARTINS, 1993, p.12).

Esta transformação fez com que padre Filippo recebesse muitas críticas da população de Guaratinguetá, visto que havia proclamado que construiria uma instituição para as camadas populares e terminara por erigir um internato para as meninas mais ricas. Os jornais da cidade acusaram o padre de especulador e ladrão, fazendo com que ele sentisse necessidade de publicar uma carta direcionada à população da cidade para explicar as ações do novo colégio, disponibilizando inclusive os livros-caixa para provar sua honestidade. O religioso temia que a população da cidade deixasse de apoiar o colégio por meio das críticas e decidiu agir em favor das religiosas:

Peço a Guaratinguetá que queira bem a seu Collegio: ele representa a minha boa vontade em lhe querer prestar bom serviço. Fiz o que pude e espero lhe ser ainda útil.

O Collegio está feito, é verdade; mas as paredes não fornecem o necessário para a vida aos que nelle habitam, não tem patrimônio, é pobre, e o que recebe das alumnas pensionistas, mal dá para o custeio da casa, e mesmo assim (além da grande utilidade que por ele vem a Guaratinguetá) oferece ao publico um externato gratuito e conserva internas um bom numero de meninas pobres; merece, portanto, ser querido e auxiliado para que possa prestar ainda melhor serviço.

Permita o Sagrado Coração de Jesus, que o Collegio de N. S. do Carmo possa receber e educar só meninas pobres. É o que as virtuosas e ilustradas Irmãs que o dirigem e eu muito o desejamos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Espero que a distinta e religiosa Guaratinguetá não desprezará o meu pedido. Nada peço para mim, tudo fiz e tudo peço para Guaratinguetá, e è a Guaratinguetá que recomendo o collegio como extremoso pai recomenda seu filhinho (FILIPPO, 1983).

A carta pública do padre Filippo, de 1893, deixava entrever diversas questões. Em primeiro lugar, o padre se preocupava que as críticas pessoais feitas contra ele prejudicassem a manutenção do novo colégio, que continuaria precisando de doações para se manter, visto que o pagamento das altas mensalidades apenas custearia os serviços básicos da instituição. Além disso, a carta indicava que a instituição começava a encontrar uma forma de ação intermediária entre as pressões locais e as orientações de Dom Bosco e Madre Mazzarello: ainda que houvesse sido criado como um internato para meninas das classes mais altas, também mantinha bolsistas e um externato com meninas mais pobres, além de seu oratório festivo, atendendo a alunas de diversas camadas sociais. Para isso, no entanto, chamava a atenção para a necessidade que a população tornasse o colégio “querido e auxiliado”, fazendo com que a caridade se mantivesse como uma questão importante para a presença das meninas pobres em suas atividades.

No caso do Vale do Paraíba e do Oeste paulista, onde se instalaram as casas do Carmo (Guaratinguetá), o Instituto de Nossa Senhora Auxiliadora (Araras) e o colégio de Nossa Senhora Auxiliadora (Ribeirão Preto), os registros das crônicas e das matrículas das alunas apontaram para a presença de alunas mensalistas internas provindas de famílias ligadas às elites rurais, especialmente às famílias cafeicultoras, enquanto as alunas dos externatos eram filhas de profissionais liberais, artesãos e comerciantes, em sua maioria. Dentre os registros analisados das três cidades entre 1892 e 1934, houve apenas a matrícula de três alunas negras, todas elas para o externato, como bolsistas, o que indicou ainda uma clara marcação étnica entre aquelas alunas que foram matriculadas nos colégios da rede – um tema de grande interesse, mas que não foi mais bem trabalhado neste texto por escassez de fontes².

² As matrículas constam de uma fotografia das alunas e de detalhes de sua vida pregressa, como onde estudaram, filiação, origem familiar, de que cidade vieram, formando uma ficha que vai passar a constar com o histórico da estudante, incluindo se ela é adimplente ou não. No entanto, não existe nenhum tipo de dado como esse para o oratório festivo, o que impede que tenhamos conhecimento sobre a frequência e a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No entanto, uma diferença em relação à origem das alunas se apresentava no Colégio de Santa Inês, em São Paulo. Instalado no bairro do Brás, em 1908, o colégio passou a ser frequentado principalmente por meninas oriundas de famílias imigrantes instaladas na região, tornando-se um núcleo de preservação da feminilidade e da italianidade em seus primeiros anos de desenvolvimento. De acordo com o livro de matrículas da instituição, até o 1921, cerca de 50% das alunas matriculadas era filha de pais italianos que trabalhavam no comércio, na indústria ou em pequenos negócios próprios (como padarias e restaurantes), enquanto outros 30% eram filhas de imigrantes de outras nacionalidades, destacando-se os portugueses e espanhóis. Assim, o colégio passou a atender um outro público na capital do estado – o da classe média imigrante. Da mesma forma, os conteúdos ministrados também traziam algumas diferenças.

As propostas curriculares

Tanto no Colégio do Carmo como nos colégios do Oeste paulista, os currículos eram centrados na alfabetização e na formação da menina para as prendas domésticas. Nas classes elementares, as meninas começavam o dia letivo com a oração e a ação de graças, seguindo o dia com exercícios para uma caligrafia esmerada, o ditado, a leitura, atividades mentais de noções de aritmética, aulas de noções de coisas, a ginástica e o canto e, para fechar o dia, teriam o catecismo e a história sagrada.

Os programas do Colégio do Carmo determinavam o ensino de 9 disciplinas para as meninas, indicando o que deveria ser lecionado em cada uma delas. Em **língua portuguesa**, as meninas deveriam aprender as leituras da sala de aula e aquelas recomendadas para fora da escola, sendo despertadas para o hábito de ler, desenvolvendo bom vocabulário e domínio da ortografia. Em **caligrafia**, deveriam posicionar seu corpo corretamente durante a escrita através da caligrafia vertical, seguindo o método do Dr. Sacadura. Em **aritmética**, a proposta era que as meninas conseguissem aprender as quatro operações pelo método prático, sem que tivessem que decorar regras. Em **geometria**, por sua vez, deveriam aprender o conhecimento prático das formas e da contabilidade, para

permanência dos grupos que se mantiveram ativos nesta atividade, que se mantem em algumas casas salesianas até a atualidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fazer a administração doméstica. Em **história**, deveriam conhecer o método biográfico através do estudo de monumentos e figuras ilustres, enquanto em **geografia** deveriam aprender um pouco sobre sua região. O ensino da **cartografia**, considerado como uma grande novidade e até então uma exclusividade da Escola Modelo de São Paulo, primava pelo estudo do espaço como auxiliar da geografia. Através da **educação moral e cívica**, as meninas deveriam conhecer os seus deveres na sociedade e, por fim, com o **francês**, aprenderiam como se comunicar na sociedade (PROGRAMA, 1904).

No colégio de Santa Inês, por sua vez, o currículo sofria algumas alterações. Língua portuguesa, caligrafia, francês, geometria e geografia se mantinham. No entanto, a história deixava de ser o estudo do método biográfico, transformando-se no conhecimento sobre o Brasil e sobre a exaltação do país – a disciplina passou a se intitular história pátria. A religião não era mais tomada apenas no catecismo, mas havia se tornado uma disciplina curricular, sendo a mais importante no momento de avaliação. Além da aritmética, as alunas também aprendiam álgebra em sua grade curricular – um conhecimento até então reservado aos meninos. As lições de coisas deixaram de ser gerais, como nos colégios do interior, transformando-se na disciplina de ciências. Além disso, as meninas também eram avaliadas em música, desenho e trabalhos manuais, recebendo notas por seus procedimentos (comportamentos) e por sua polidez (ATAS, 1913). Nesse sentido, a aproximação do colégio às discussões educacionais ocorridas no início do século XX, à Escola Modelo paulista e a um novo público fez com que o Colégio de Santa Inês se diferenciasse das demais instituições salesianas, criando um currículo mais científico que, por outro lado, contrabalançava a apresentação de disciplinas até então consideradas como perigos para as meninas com o maior peso dado para a religião e para os comportamentos das internas.

O espaço físico do colégio do Carmo passou a servir de modelo para os demais colégios das salesianas a serem construídos no Brasil, dando origem a uma pedagogia dos espaços e a uma atribuição de valor educativo para o uso e atribuição dos valores, posturas e códigos de conduta. De acordo com Escolano e Frago, é importante ressaltar que a arquitetura escolar deveria ser considerada como um próprio programa, devendo ser lida como um discurso que constrói as prioridades e o sistema de valores daquele projeto

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

educacional, como a disciplina, a ordem e a vigilância, indo muito além de um esquema abstrato neutro (ESCOLANO; VIÑAO FRAGO, 1998, p.26).

Nos quatro colégios analisados para esta investigação (Colégio do Carmo, em Guaratinguetá; Colégio de Santa Inês, em São Paulo; Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, em Araras; e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Ribeirão Preto), a capela ocupava um lugar destacado e central no edifício religioso, sempre na entrada dos colégios, identificando a presença da torre com um sino, onde se posicionava a imagem da padroeira daquele colégio. Nesse sentido, a capela se transformava no eixo do projeto educativo das salesianas, irradiando toda a ação formativa e todas as intervenções das freiras, mostrando o poder da religião dentro do contexto educacional.

Além disso, todos os colégios possuíam também um elemento que compunha a proposta educativa das salesianas: o pátio. Como parte das origens do Sistema Preventivo, o pátio era o espaço de realização de todas as atividades do oratório festivo nos tempos de Dom Bosco, mantendo-se como o principal centro de recreação. Na tradição salesiana, o pátio ultrapassava a ideia de um grande espaço central ao ar livre, contemplando a presença ativa das educadoras religiosas junto ao jovem para a recreação, sendo considerado um fator primordial e indispensável para a educação integral das jovens, sendo o elemento para a construção da amizade, da familiaridade, da fraternidade e para o exercício da *amorevollezza*. A Crônica do Colégio do Carmo indicava a importância do pátio como espaço formativo e recreativo:

À noite houve uma iluminação do pátio interno e as alunas declamaram poesias em honra de Maria Santíssima, fizeram diálogos e cantaram hinos acompanhadas do harmonium (CRÔNICA, 1897).

Sobre o chafariz do pátio interno do Collegio foi colocada uma estatua de Maria Auxiliadora, de dois metros de altura. A estatua de M. Imaculada que encimava o chafariz foi colocada na cascata do pátio do recreio das meninas (CRÔNICA, 1899).

Como pode-se vislumbrar do relato das crônicas, o caráter formativo do pátio ultrapassava as atividades realizadas nestes espaços, estando presente também a partir da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estatutária exposta ao longo deste ambiente, mostrando para as alunas exemplos femininos a serem seguidos, como Maria Imaculada, Maria Auxiliadora e Nossa Senhora do Carmo, permitindo que as alunas se reconhecessem cotidianamente nestas figuras de castidade, moral elevada e piedade. Em todos os colégios das salesianas, havia dois pátios distintos que eram palco das festividades, das meditações noturnas, das aulas de ginástica (que deveriam ser finalizadas com aulas de canto), das recreações e do oratório festivo, que ocorria aos sábados e domingos. Todas as atividades deveriam ser acompanhadas de perto pelas freiras (SILVA, 2001, p.81).

As salas de aula ficavam sempre ao redor dos pátios. Desde sua fundação, todas as salas de aula possuíam janelas amplas, respondendo ao contexto higienista garantia da iluminação como forma de tornar os espaços mais saudáveis. Todas as salas eram dotadas de uma porta com janela, para que as assistentes e a Madre Superiora pudessem estar cientes de todas as práticas que ocorriam durante as aulas. Para as disciplinas convencionais, as meninas eram dispostas em grandes bancos de madeira coletivos, mantendo seus lugares fixos. A escola também contava com algumas salas especiais, como a sala de artesanato e a sala de música, em que as meninas tinham maior contato físico com as outras e maior flexibilidade no contato com a madre-professora.

Considerações finais

A proposta inicial dos salesianos e salesianas era a proteção dos jovens pobres frente aos males do mundo, como indicado pela Encíclica Quanta Cura, especialmente aqueles ligados à prostituição, à violência e ao banditismo. Dom João Bosco, seu idealizador, pautava-se no princípio preventivo tão em voga em seu tempo para desenvolver uma pedagogia baseada na ideia de que os jovens deveriam ser educados para que suas práticas não induzissem ao erro – ao invés de serem corrigidos e castigados após o erro já haver sido cometido. Em 1872, ao se juntar à Pia União das Filhas de Maria Imaculada, vimos que Dom Bosco criou o braço feminino de sua instituição, o Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, estendendo o princípio preventivo e os cuidados com as camadas mais pobres também às meninas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os salesianos chegaram na América Latina em 1875, inicialmente na Argentina e no Uruguai, agindo como educadores de comunidades pobres e indígenas em pequenos grupos, fortalecendo a obra no Brasil. O grande articulador da obra na América foi o padre Luís Lasagna, responsável por instalar a primeira casa salesiana no Brasil através de uma série de negociações com Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro. Lasagna foi o responsável por reapropriar os objetivos da congregação salesiana no Brasil, adaptando-os às necessidades locais e ao público-alvo que estava disposto a investir na obra salesiana: as camadas médias e altas do estado de São Paulo, fossem os grupos ligados às elites rurais ou aos imigrantes e comerciantes da capital.

Assim, vimos que as salesianas chegaram ao Brasil, em 1892, buscando realizar um trabalho completamente diferente daquele realizado pela congregação em outras partes do mundo. Se o trabalho realizado pelas casas salesianas femininas na Itália, em sua expansão no Uruguai e na Argentina era voltado para a educação de meninas pobres, para o cuidado dos doentes e pelo assistencialismo, no Brasil sua atividade se centrou no atendimento às meninas de camadas médias e altas, especialmente através da prática educativa em forma de internatos e externatos, concebidos como o modelo ideal de ensino feminino, por permitirem o afastamento das meninas de todo o tipo de ameaça que pudesse estar presente na sociedade, mantendo-as distantes do mundo exterior.

Para conceber essa transformação em suas propostas de ensino, as salesianas tiveram que adaptar seus currículos e suas práticas religiosas. As Filhas de Maria Auxiliadora basearam suas atividades nos regulamentos e materiais didáticos enviados de sua sede, em Mornese, sempre os adaptando às realidades locais – fosse o contexto da decadência agrária do Vale do Paraíba, da ascensão cafeeira do Oeste e do Novo Oeste paulista ou o movimento plural e industrial da capital do estado de São Paulo.

Referências

A Estrela Paulista, jornal da cidade de Guaratinguetá. 4 de setembro de 1884. Arquivo do Colégio do Carmo. Caixa I – Construção do Colégio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Atas dos exames finais de 1913 do Colégio de Santa Inês. Arquivo do Colégio de Santa Inês.

BRAIDO, Pietro. I molti volti dell'amorevolezza. **Rivista di Scienze dell'Educazione.** n° 37, vol.1. Roma: 1999, p.18-24.

_____. **Prevenir, não reprimir:** o sistema educativo de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

Carta de D. Luís Lasagna ao padre Carlos Peretto, de 24 de setembro de 1890. In **Epistolário do Monsenhor Luiz Lasagna, bispo de Tripoli, referente aos anos de 1882 e 1892.** Vol 2. Roma: Instituto Histórico Salesiano de Roma, 1997.

Carta de D. Luís Lasagna ao padre Carlos Peretto, de 16 de novembro de 1891. In **Epistolário do Monsenhor Luiz Lasagna, bispo de Tripoli, referente aos anos de 1882 e 1892.** Vol 2. Roma: Instituto Histórico Salesiano de Roma, 1997.

Carta do padre João Filippo a população de Guaratinguetá, escrita em 25 de março de 1893. Arquivo do Colégio do Carmo. Caixa Padre João Filippo.

Crônica do Colégio do Carmo. 24 de maio de 1897.

Crônica do Colégio do Carmo. 03 de setembro de 1899.

Cronistória das Filhas de Maria Auxiliadora. Vol.2, São Paulo: Inspeção Santa Catarina de Sena, 1981.

ESCOLANO, Agustín; VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FILIPPO, Pe. João. **Programa do Collegio de Nossa Senhora do Carmo, para meninas, dirigido pelas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora – Guaratinguetá – Estado de São Paulo.** Guaratinguetá, 1891.

MARTINS, Júnia Maria Lopes; MARTINS, Marcos Lobato. O Colégio Nossa Senhora das Dores de Diamantina e a educação feminina no norte/nordeste mineiro (1860-1940). **Revista de Educação.** Belo Horizonte, vol.17, 1993, p.11-19.

Programa do curso elementar de meninas do Colégio do Carmo – 1904. Arquivo do Colégio do Carmo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SANTOS, Brasdorico Merqueades dos. Os fundamentos do sistema preventivo como formadores de uma cultura da solidariedade. **Multítemas**. Campo Grande, nº 33, maio 2006, p.55-65.

SILVA, Maria Aparecida Félix do Amaral e. **Educação de mulheres no Vale do Paraíba** – Colégio do Carmo, 1892-1910. Guaratinguetá: Digital Print Gráfica e Editora, 2001.